



trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, trabalhe, tropece.

Minha rotina se quebrou, pois meu pé em algo se esbarrou. Forcei meu pescoço para olhar, olhar, olhar e me assustar, pois em alguém acabei de encontrar.

Estava ali parado, deitado e descarregado. Um eu onde tinha tão pouca fé de achar. As mesmas roupas, as mesmas marcas que as minhas. Meus olhos seguiram para sua cabeça, foi aí que algo em mim despertou. O balão estourou. E tudo mudou. Pela primeira vez em muitos anos, meu rosto se formou, um sorriso despertou.

Por esse chão para pular, por esse mundo a suar, pelos meus braços a girar de tanto trabalhar, pela minha garganta a gritar, as engrenagens começaram a se afastar, então como o mar vermelho o meu mundo se abriu, ninguém ali sorriu, sorriu, fugiu, sorriu a minha sanidade e sumiu.

Na faixa amarela atravessava, as pessoas se afastaram, eu e o meu balão giramos, pois nada ali importava. Imperativos, imperativos, ninguém se importava com isso, no fim serei descartado como lixo, pois o sistema só vive disso. Bastaria um tropeço para ser trocado, com o meu balão estourado, dourado, ou em pedaços, não importava, importava meu descanso, por isso agora eu danço. Então eu caio, caio, mas não estilhaço.

Olhando para a esquerda, a luz vinha, junto com o apito do trem, e logo lá de cima, a Mulher Branca não sorria, sorria, sorria pois acabou. E um choque firme chegou, meu sorriso aumentou, satisfeito estou, pois o meu *plot twist* chegou.